

MULHERES RIBEIRINHAS E A REALIDADE DO ESCALPELAMENTO: A CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA

Cabeças com toucas de hieróglifos,
Cabeças com turbantes e barrete negros,
Cabeças com perucas e milhares de outras
Pobres cabeças humanas suando...¹.

Em 2006, em atendimento psicológico a uma mulher vítima de escarpelamento, ela falava de um desejo seu de fazer alguma coisa importante, pela qual seus filhos pudessem se orgulhar dela e que a ajudasse a ter uma fonte de renda, pois tinha dificuldade de conseguir emprego, devido a sua aparência (cicatrizes no rosto e no lugar do couro cabeludo). Continuando sua fala, disse que assim como ela estava enfrentando essas dificuldades, outras mulheres escarpeladas poderiam também estar passando pela mesma situação. Fiquei pensando nessa fala dessa paciente, então decidi orientá-la para que entrasse em contato com o MAMA-AP (Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia), do qual também faço parte.

O desdobramento dessa ação levou à criação da Associação das Mulheres Vítimas de Escarpelamento, que tem por objetivo contribuir para a melhoria de vida dessas mulheres e de seus familiares.

As mulheres vítimas de escarpelamento que fizeram parte da associação receberam capacitação sobre as questões de gênero como a participação das mulheres no cenário nacional e estadual, movimentos sociais e seus avanços nas políticas públicas.

Na conferência estadual dos direitos da mulher, esse grupo conseguiu eleger uma delegada que iria representá-las em Brasília. As reivindicações desse grupo foram previamente selecionadas pelos membros da associação.

No retorno de Brasília, ao relatar o encontro com gestores públicos como o Vice-presidente da República e representante da Marinha Brasileira, o que mais provocou

¹ (Heine, Nordsee [Segundo Ciclo, VIII, “Frangen”].) apud Freud (1933, p.114)

entusiasmo foi a perspectiva de obtenção de perucas naturais. E as reivindicações, como: seguro de vida, auxílio doença e aposentadoria pareciam ter ficado em segundo plano. Diante de tal situação, surgiu o seguinte questionamento: **Qual o lugar que a peruca ocupa na subjetividade dessas mulheres?**

Iniciaremos nossa reflexão acerca desse questionamento contextualizando o fenômeno do escalpelamento.

O escalpelamento – *perda parcial ou total do couro cabeludo* - é um fenômeno recente nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Os primeiros registros desses acidentes foram identificados a partir de 1960, quando os ribeirinhos começaram a substituir os barcos à vela por aqueles movidos por um motor rotativo. Convém ressaltar que esses barcos são meios de transporte e sobrevivência das famílias que habitam as margens dos rios, igarapés, furos e lagos dessa região, e vivem da comercialização de suas produções agrícolas, agropecuárias, da pesca, do extrativismo vegetal, entre outros. A escolha desse tipo de motor, de centro, se dá pelo baixo custo, por ser mais econômico e funcionar a diesel, bem como pelas suas proporções, permitindo navegação por pequenos igarapés.

Falemos agora sobre a constituição psíquica da mulher que, para Freud, sempre foi palco de muitas inquietações. Em seu texto sobre a feminilidade, de 1933, ele expõe sobre o impacto que a descoberta das distinções anatômicas entre os sexos provoca nas meninas. A partir daí, as meninas se perguntam sobre seu órgão sexual que parece ter sido castrado, quando comparado ao dos meninos, “sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem ter um assim também e se tornam vítimas da inveja do pênis”. (Freud 1933, p. 125). O complexo de Édipo, nas meninas, tem início com essa constatação.

As mulheres vítimas de escalpelamento, ao retornarem para suas casas após meses de tratamento, se deparam com o fato de estarem sem cabelo. Pensamos que tal fato as leva a um retorno desse momento em que se descobrem novamente como ser faltante, provocando sentimentos de inferioridade não só diante dos homens, mas agora também diante das mulheres que têm cabelo. Isso provoca uma ferida narcísica que, para algumas dessas mulheres, é da ordem do insuportável, pois elas fazem uso da peruca ininterruptamente. Segundo relato da médica cirurgiã plástica responsável pelas cirurgias reparadoras, o uso ininterrupto de peruca chega a provocar feridas que não cicatrizam podendo se transformar posteriormente em câncer.

Quando Freud nos fala de narcisismo faz uma referência a um período que se coloca entre o auto-erotismo e o amor objetal. Tal fase é de fundamental importância na estruturação do ego, pois favorece a constituição de uma auto-estima que contribui para a formação do ideal do ego. Este ideal acompanha o sujeito durante toda a sua vida. E quando, por algum motivo, ocorre um acidente de percurso como, no caso das mulheres vítimas de escalpelamento, uma ferida narcísica se instala. As mulheres escalpeladas se deparam com esse ideal de ego modificado. A identidade dessas mulheres sofre uma transformação que, no primeiro momento, lembra a adolescência, pois há a perda de um corpo que não existe mais. E esse novo corpo é evitado, ou melhor, as mulheres não se reconhecem nele, provocando, assim, um sentimento de desamparo.

Muitas mulheres escalpeladas, após retornarem para casa, ficam como se estivessem em estado de choque, alheias ao seu mundo, até que a realidade de seu novo corpo deixe de ser tão estrangeira passando a esconder esse novo corpo marcado.

Freud (1914, p.100) afirma que “o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, que, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição.”

Essa afirmação nos remete à fala de uma paciente escalpelada, que diz: “Olha a minha foto antes do acidente, eu era perfeita, bonita, muito feliz.” O ideal de perfeição, para essa paciente, era estar com o cabelo.

A identidade das mulheres vítimas de escalpelamento passa por um processo de ressignificação, e elas se perguntam: Quem é essa pessoa que se apresenta diante do espelho? São obrigadas a aceitar essa transformação física, a qual não solicitaram, carregam o estigma de ser escalpelada, ou seja, têm uma marca que não é boa, pois, segundo Goffman (1988), os gregos:

“Criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem o apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos.” (p. 11)

As mulheres vítimas de escalpelamento relataram que evitam sair na rua por

sentirem os olhares que são dirigidos a elas. Umam reagem com agressividade, outras fingem que não estão vendo, outras gostariam de reagir, mas não têm coragem e também não gostariam de chamar atenção para si, e outras dizem não se importar com isso; enfim, cada uma delas enfrenta a questão de acordo com sua singularidade de lidar com suas dores.

Podendo ocorrer também, como nos diz Goffman (1988):

que a pessoa estigmatizada, algumas vezes, vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para outra, tornando manifesta assim, uma modalidade fundamental na qual a interação *face-to-face* pode tornar-se muito violenta.” (p. 27).

Através de observações, verificamos que há uma diferença no que se refere a relacionamento com parceiros, entre as mulheres em que o acidente ocorreu na infância e as mulheres em que o acidente ocorreu quando já eram adultas. As primeiras parecem conseguir manter um relacionamento afetivo apesar do estigma de serem escarpeladas e isso não as impede de terem parceiros e constituírem família, enquanto que as segundas parecem ter mais dificuldades de enfrentar esse estigma, achando que ninguém vai querê-las como esposa; algumas vezes, os parceiros rompem o relacionamento.

A feminilidade dessas mulheres encontra-se prejudicada e a auto-estima reduzida, uma vez que não podem apresentar-se diante do outro com seus atributos femininos, pois agora, no lugar do cabelo, têm cicatrizes, colocando-se no lugar de não poderem mais ser amadas pelos parceiros. Segundo Freud (1933, p. 131):

“Atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela ser amada, é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir ‘à necessidade de valorizar seus encantos, de modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual.”

O cabelo ocupa um lugar importante na feminilidade. Nas regiões ribeirinhas que têm como herança algumas tradições indígenas os cabelos longos é uma dessas tradições.

Verificamos que é um hábito comum, nessas regiões, o cabelo longo. No romance Ubirajara, de José de Alencar (2005 p. 56), as índias que tivessem sem seus longos cabelos significava que “durante a ausência do marido, a mulher trazia uma espécie de luto ou mostra de tristeza e saudade, que era simbolizado pelo sacrifício das longas tranças dos cabelo.”

A busca pelas perucas é uma tentativa de sair desse lugar estigmatizado e inferiorizado de mulheres escalpeladas.

Pensemos, nesse momento, na artista plástica Frida Kahlo que, aos 18 anos, sofreu um acidente automobilístico e sofreu fraturas em inúmeras partes de seu corpo. E a forma que Frida encontrou para lidar com esse corpo quebrado foi se reconhecendo, através de um espelho no teto de seu quarto, como portadora de um corpo fraturado. Assim, ela pôde retratar seu corpo por meio de pinturas reconhecendo-se em cada tela pintada podendo, dessa forma, sublimar suas dores.

Continuando nessa linha de reflexão, penso que a sublimação das vítimas de escalpelamento vem através da Associação de mulheres na medida em que, a partir dessa associação, elas conseguem ter forças para falar de suas marcas para o outro. Freud (1914, p. 101) aponta nessa direção quando diz que “a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão.”

É também uma forma de essas mulheres poderem se olhar, reconhecerem-se nesse novo corpo mutilado, e essa Associação serve como anteparo para dar conta dessa difícil tarefa.

As mulheres que tiveram acidente na infância servem, dentro do grupo, como objeto de identificação, pelo fato de conseguirem enfrentar a questão do escalpelamento com menos dificuldade. De acordo com Freud (1921, p. 130), para que o indivíduo entre no grupo, ele “abandona seu ideal de ego e o substitui pelo ideal do grupo tal como é corporificado no líder”. A partir daí, as questões referentes ao escalpelamento passam a ser do grupo.

Voltemos à questão que deu origem a esse artigo: qual o lugar que a peruca ocupa na subjetividade dessas mulheres? Em síntese, consideramos que o desejo compulsivo

dessas mulheres em usarem perucas está diretamente relacionado ao desejo de tamponar a ferida narcísica que se instalou, isto é, está difícil lidar com esse retorno ao momento de se perceber como um ser faltante. As perucas vêm como uma busca, um retorno ao momento anterior a castração, o momento de completude. Com isso as mulheres escalpeladas podem livrar-se, mesmo que temporariamente, do estigma, da dor e da angústia de serem escalpeladas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. de. *Ubirajara*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

GOFFMAN, E. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

FREUD, S. (1914). *Uma introdução ao narcisismo*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIV, p. 77 – 108.[

_____. (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVIII, p. 79-154.

_____. (1933 [1932]). *Conferência XXXII - Feminilidade*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXII, p.113-134.